

Tráfico reforça vigilância e mantém atividade

A cem metros do local do discurso de Fernando Henrique, "bocas" vendem cocaína

JULIO GAMA

RIO — O tráfico de cocaína funcionou ontem normalmente na favela de Acari, a cem metros da entrada da Fábrica de Esperança, onde se encontravam o presidente Fernando Henrique Cardoso e vários ministros. A única preocupação dos "gerentes"

das "bocas" foi a de reforçar o número de olheiros, em função do esquema de segurança preparado para a visita presidencial. Um dos principais acessos à favela fica colado ao muro do estacionamento da Fábrica. No final dessa rua, o papelote de duas gramas de cocaína era vendido a R\$ 5.

O aviso de que a presença do presidente não havia interrompido o comércio foi dado por W.M.R. 24 anos, um rapaz de classe média alta, morador de um luxuoso condomínio na Barra da Tijuca (Zona Sul), que havia acabado de

comprar quatro papelotes. "Vale a pena sair da Barra, aqui tem a melhor coca da cidade", explicou.

Depois de consumir metade da droga e com os últimos R\$ 10 que lhe restavam, W. decidiu retornar à favela. Eram 10h55 e cerca de 200 policiais militares, federais, civis e soldados do Exército já ocupavam os arredores da Fábrica. Não havia mais nin-

guém na primeira "boca". "Hoje tá meio sujeira", comentou um olheiro, indicando outro ponto de venda. Numa esquina adiante, um homem branco e alto saiu de uma pe-

quena casa, exibindo dois grandes cortes no ombro e na barriga, com pontos, e fez a venda rapidamente. A uns 200 metros dali, gritos, aplausos e buzinas anunciavam a chegada do presidente.

AVISO É
DADO POR
RAPAZ DE
CLASSE MÉDIA